Ser Economista: breve introdução saudatória aos estudantes

José da Silveira Filho

Teoria que nada constrói na prática, é inútil.
Prática sem teoria é cega.

Marcos e Elaine administravam um pequeno restaurante. O almoço em buffet livre era oferecido a $7,50 por pessoa. No entanto, não foram eles que estabeleceram o preço. Foi o gerente anterior que, ao lhes transferir o ponto, repassou o mesmo valor como fato consumado. Para não melindrar a clientela, preferiram o deixe estar. Ambos trabalhavam de segunda a segunda e o lucro era ínfimo. Consideravam que o preço deveria ser outro, mas não sabiam calcular o quanto deveria ser para obter uma margem de lucro razoável e que não precisassem se esfolar vivos todo santo dia pelo trabalho, como se não bastasse repleto de responsabilidades para com clientes, funcionários e instituições oficiais fiscalizadoras.

Arnaldo Antunes tinha um resíduo a receber de planos de estabilização anteriores, nos acontecidos dos anos 80. Havia sido notificado por uma carta procedente do banco em que possuía conta corrente. A importância era de 90 mil cruzados novos na moeda da época. Pretendia usar o dinheiro para liquidar o pagamento das mensalidades escolares do ano letivo de seus dois filhos. Mas, não sabia se conseguiria contar com esse valor a receber por desconhecer a quanto esta soma corresponderia hoje.

Margarida Tavares era cozinheira. Era cozinheira com letras maiúsculas. Cozinhava para gente grã-fina. Do simples ao sofisticado. Uma tentação seus pratos. Todos se regalavam. Os elogios eram imediatos. Trabalhou por décadas para a mesma família. Mas, cansou. Fez acordo, recebeu uma boa grana. Queria abrir negócio próprio. Não sabia bem ao certo o quê. Cogitava o ramo de restaurante. Cozinhar era o que sabia fazer bem. Agora restaurante para famílias ou cozinha industrial? Estava transbordando dúvidas quanto ao rumo a seguir. Precisava de um apoio para se lançar em algum projeto pessoal. Achava o país muito instável, cheio de reveses. Não sabia como se orientar.

Aí estão três situações pessoais ao gosto do cotidiano com um problema em comum: como tomar a melhor decisão num quadro de possibilidades alternativas. A primeira era sobre preço; a segunda como calcular determinada soma indefinida para lhe conferir a devida serventia; a terceira sobre qual projeto a empreender.

Decisões dessa natureza sempre estão ocorrendo. Pode ser para empresas, pessoas ou governos nas esferas municipal, estadual e federal. Modifica o ator, no entanto a natureza em si é quase a mesma. Todas elas envoltas em aparente simplicidade. Em verdade, são peças complexas, difíceis de serem respondidas, encaixadas. Vão necessitar de estudo para alcançarem maior transparência e aclarar a decisão.

Não é tão fácil, mesmo em âmbito caseiro, saber qual o melhor caminho a trilhar. Evitar perdas, diminuir o risco ao máximo, tornar mais eficiente o resultado, alcançar nível satisfatório que proporcione grau maior de confiança e afaste o arrependimento futuro. Formar um quadro mental capaz de oferecer segurança e sensatez de tal modo a conduzir ao convencimento como um raciocínio demonstrável, apoiado em argumentos sólidos e não em meros achismos ou suspeitas intuitivas. Mesmo diante de decisão doméstica, autêntico microcosmo, as mesmas circunstâncias descritas podem ser o invólucro da decisão de uma grande empresa ou país, no entanto na esfera macroeconômica. O átomo e o universo podem ser muito semelhantes. A casa e o país como verso e reverso de algo recíproco.

Com certeza, há 60 anos, anos 50, estes problemas tal qual estão aqui formulados mal existiriam. Isto para ser benevolente. Sem dúvida, as decisões faziam parte de um quadro decisório mais simplificado. Um mundo mais apreensível, que você poderia talvez apalpar, ainda entender. A resposta seria induzida pela experiência. Nos dias de hoje, de intensa instabilidade, verdadeiro mosaico de complexidade, o difícil é encontrar as partes simples que compõem a montagem desse mosaico para encontrar a melhor alternativa dentre as probabilidades. Encontrar as partes simples para enxergar o complexo e, enfim, decidir. E, como se não bastasse, agregar a experiência. Ela é um filtro indispensável. Estão presentes o estudo e a experiência.

Nesse mundo de hoje, que mais parece do lado avesso, surge um novo profissional, exigente de ampla formação: teórica, histórica, matemática, contábil e humana. Aparece o Economista a fim de encontrar o melhor caminho entre os caminhos, a melhor alternativa entre as alternativas, a decisão de menor risco, em que o erro seja minimizado. Este é o novo universo da economia, em que estas facetas se mesclam num conjunto harmonioso. Não é fácil possuir esta formação simultânea, mas está também longe de ser impossível. É a necessidade dos novos tempos. Tempos de globalização, de um planeta cada vez mais parecido em sua diversidade de aspectos, que se moldou numa aldeia. Todos se conhecem e tudo sabem uns dos outros.

Um dos entendimentos tradicionais da economia coloca a escassez como a pedra fundamental em que assenta esta ciência. O dinheiro é escasso. Os recursos humanos são escassos. Os recursos naturais se evidenciam cada vez mais escassos. Por essas razões, a decisão deve e precisa ser eficiente, para produzir o melhor efeito possível com o menor sacrifício, a menor perda. Isto é o melhor caminho a percorrer.

E o economista se constrói com a leitura, o estudo sistemático, o balisamento matemático, a diversidade de pontos de vista, a capacidade de decompor e agregar mosaicos de complexidade, debater, perceber que muitas vezes determinado ponto de vista não significa uma visão diferente, às vezes quer dizer um complemento, apenas apresentado de outro modo. Assim este profissional vai sendo esculpido e sem perder a dimensão da ética. De que o outro ser humano é como ele, com as mesmas carências e prisioneiro das mesmas vicissitudes. De respeito ao outro ser, tão humano quanto a si próprio. Como uma mirada ao espelho. “Homens é o que sois.” Assim imortalizou com tanta simplicidade Charles Chaplin.

E, tudo isso, afinal, para quê? Para encontrar caminhos por onde caminhar em que as pedras sejam menores.

“Caminhante, são teus rastos
o caminho, e nada mais;
caminhante, não há caminho,
faz-se caminho ao andar.

Ao andar faz-se o caminho,
e ao olhar-se para trás
vê-se a senda que jamais
se há-de voltar a pisar.
Caminhante, não há caminho,
somente sulcos no mar.”

Antônio Machado, poeta sevilhano.

Bem vindos ao desafiante Curso de Ciências Econômicas.

A **JANELA ECONÔMICA** é um espaço de divulgação das idéias e produção científica dos professores, alunos e ex-alunos do Curso de Economia das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

- Cada artigo é de responsabilidade dos autores e as ideias nele inseridos, não necessariamente, refletem o pensamento do curso.

- O objetivo deste espaço é mostrar a importância da formação do economista na sociedade.